



ENTRE A TOPOFILIA E A TOPOPATIA NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR-MA: FENOMENOLOGIA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA ¹

Alexsandro Costa de Sousa ²

RESUMO

A Fenomenologia tem servido como um ancoradouro para uma Geografia mais sensível, sobretudo considerando que os fenômenos que estão visíveis ou que encontram-se em nebulosas aparências, precisam ser compreendidos. Desta forma, o método de encontro com o ser-aí e as percepções que este mantém como o mundo tornam-se necessários para essa compreensão. Como aporte teórico deste trabalho realizado na cidade de São José de Ribamar -Ma, as descrições dos sujeitos sobre o fenômeno LUGAR, denota-se claramente nos interrogatórios o amor ao lugar e o ódio presentes e muito próximos um do outro. Merleau-Ponty (2006), Heidegger (2005), Tuan (2012), são as consideráveis pontes teóricas para se apontar as descrições desse estudo. Por sua vez, rompe-se com as demandas científicas presas e afixadas por números, e nesse aspecto prima-se por uma pesquisa de cunho qualitativo e humanista, usando como trajetória de pesquisa a Fenomenologia. A partir dos diálogos percebe-se que as descrições dos sujeitos da pesquisa sentem afeto por alguns lugares na cidade de São José de Ribamar-Ma, como também ojerizam alguns lugares. Levar ao conhecimento de outros estudiosos do campo geográfico a visão que temos sobre outras cidades, outros espaços e outros lugares, com o aporte filosófico se torna elemento de grande importância, pois é uma fuga real de convivermos apenas com o uso de meios técnicos e metodológicos que já se romperam. A base referencial é atual no que diz respeito a usar da postura e do método fenomenológico. Uma busca tanto de enlace Topofilico, ontológico compartilhada pela experiência vivida.

Palavras-chave: São José de Ribamar; Fenomenologia da percepção; Topofilia; Topofobia, Lugar

ABSTRACT

Phenomenology has served as an anchorage for a more sensitive geography, especially considering that phenomena that are visible or that are found in cloudy appearances need to be understood. In this way, the method of encounter with the being-there and the perceptions that it maintains with the world become necessary for this understanding. As a theoretical contribution of this work carried out in the city of São José de Ribamar -Ma, the descriptions of the subjects about the phenomenon PLACE, clearly denote in the interrogations the love of the place and the hatred present and very close to each other. Merleau-Ponty (2006), Heidegger (2005), Tuan (2012), are the considerable theoretical bridges to point out the

¹ As linhas aqui produzidas são uma pequena parte da minha Pesquisa inicial de Mestrado no ano de 2017, sendo recolocada como artigo para que outros tantos possam se aproximar da Fenomenologia e de uma geografia mais vivencial.

² Doutorando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, alexgeografia2014@gmail.com/ Membro do Grupo de Pesquisa Poesi(A) - UFES.



descriptions of this study. In turn, it breaks with the scientific demands that are stuck and fixed by numbers, and in this aspect, it excels in a qualitative and humanist research, using Phenomenology as a research trajectory. From the dialogues, it is clear that the descriptions of the research subjects feel affection for some places in the city of São José de Ribamar-Ma, as well as dislike some places. Bringing to the knowledge of other scholars in the geographic field the view we have about other cities, other spaces and other places, with the philosophical contribution, becomes an element of great importance, as it is a real escape from coexisting only with the use of technical and methodological means that have already broken up. The referential basis is current with regard to using posture and the phenomenological method. A search for both a Topophilic and ontological link shared by the lived experience.

Key-words: São José de Ribamar; Phenomenology of perception; Topofília; Topofobia; Place

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa levantar as percepções dos sujeitos com o mundo vivido, trazendo através da Fenomenologia da Experiência, percebidas em Merleau-Ponty (2006) e dos estudos de Yi-Fu Tuan (2012), sobre as percepções das experiências que todos temos com o lugar.

Desta forma para a composição deste trabalho, considero importante abordar que a pesquisa tem característica essencialmente qualitativa, e os sujeitos que se envolveram foram alunos do Ensino Médio em uma escola pública. O *lócus* de onde se partiu para o levantamento do material foi a cidade de São José de Ribamar no estado do Maranhão, na grande ilha de São Luís.

Estudar um espaço vivido é formalmente a lógica do objetivo que este trabalho na sua mais acepção humanista consegue conectar aos corações dos seus produtores de lugares, respeitando cada acepção sobre seus lugares, logo, é evidente que existem diversos micro lugares de um macro lugar, necessários a se estamparem, a ser conhecidos.

Os objetivos levantados partem da premissa de que os fatos da experiência humana podem gerar um conhecimento para a geografia, a partir dessa posição cada lugar retratado e descrito pelo sujeito para outros indivíduos, são capazes de conceder os conhecimentos da Topofilia, bem como de novas concepções como a Topofobia, ou mesmo a Topoapatia, garantindo esse conhecer dos sentimentos de amor e de ódio sobre o lugar. O enquadramento teórico parte dos estudos dos renomados



pesquisadores arrolados acima, como também de MARANDOLA JR (2010, 2016), WERTHER HOLZER (2008), BUTTIMER (1982).

A culminância assenta-se na possibilidade de reencontrar os aspectos do mundo pelos jovens alunos de escolas públicas que sem perceber fazem do seu universo particular, uma tomada de percepções fenomenológicas que não se ensina apenas na sala de aula.

A(s) metodologia(s) utilizada(s) na condução da pesquisa foi(foram) variada(s), permitindo-me passear por entre a confrontação de diferentes literaturas especializada, desde as que tratavam diretamente com o campo geográfico quanto ao filosófico. Nesse caso específico: o método de levantamento bibliográfico e revisão de literatura. No conduzir da pesquisa mais variáveis foram sendo apresentadas, a cada leitura se lançava modos de ação³, questionários abertos, entrevistas, grupo focal, debates, apresentação, leituras de materiais- ao mesmo tempo em que a pesquisa de mestrado ocorreu, foi o momento de sugerir a gestão do local onde aconteceu a pesquisa, transformar em uma disciplina eletiva para os alunos-, exposição de imagens com culminância de projeto. As metodologias utilizadas para desenvolver essa pesquisa possibilitou a produção final de um pequeno manual para o professor de Geografia.

TOPOFÍLIA ANTÍTESE DA TOPOFOBIA E DA TOPOPATIA: conceitos

Ao destacar neste trabalho concepções da Geografia especialmente ao do elemento “lugar”, deve-se partir das contribuições conceituais-teóricas de pontos de efusão que evidenciam o estudo de uma Geografia Humanista que prioriza perceber as experiências dos sujeitos e também as formas sentimentais com o ‘*place*’ (RELPH, 1973), tais sentimentações, elevam a forma de sentir o ambiente em que se vive, podendo ocorrer movimentos sentimentais de amor, de ódio ou de medo, sendo esses últimos muito próximos com quase nenhuma diferença.

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o Homem à Terra, uma ‘geograficidade’ (*géographicité*) do Homem como modo de sua existência e de seu destino. (DARDEL, 2011, p. 01)

³ Destaco que a pesquisa trilhou por três principais sentidos: Geografia, Filosofia e Tecnologia Móvel.



É recorrente perceber então que a busca pelo inatingível coloca o homem em uma posição de compreender esse espaço em que vive, rompe logicamente com uma concepção tradicional de apenas observar esse espaço, esse ambiente, no mais profundo entendimento de uma **Geografia expectadora**⁴, sem relações, logo, considerar essas relações faz então surgir contracepções para evitar uma visão distanciada desse ambiente categórico que é tanto elemento de estudo para a geografia como importante para o seu modificador: o homem.

Como toda ciência social a geografia tem como objetivo de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território. (CORRÊA, 2008, p.16)

Assim, inicialmente essas questões observadas dizem respeito ao levantamento teórico realizado. Ademais, a necessidade de formular uma posição paradoxal àquela velha abordagem tradicionalmente conhecida, abandonar a Geografia expectadora, assentada sobre um 'sofá de marasmo', é o intuito da Geografia Humanista com bases fenomenológicas na sua constituição. Devido essa posição que o estudo tenta mostrar das experiências dos sujeitos com o lugar de forma singular, bem como as de forma comum, de suas atividades perceptivas enriquecedoras para o desenvolvimento dos sentimentos topofilicos, topofóbicos ou topoódios.

Para Tuan (2012, p. 19) Topofilia: "é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico". Como neologismo o termo Topofilia é útil em seu sentido amplo, que decorrem da inclusão dos laços afetivos dos seres humanos, com esse meio ambiente materializado. Certamente, são difusos a partir da sua sutileza, sua intensidade e até mesmo no modo de expressão (TUAN, 2012).

A interpretação feita por Tuan (2012) sobre o conceito topofilico é a preocupação que se tem do sujeito com o lugar vivido, como esse vive, como percebe sua construção, é a cisão dos aspectos positivistas de 'ver o mundo'. Consegue-se assim dar efusivo mérito ao que se percebe, ao sentimento e ao posicionar-se no mundo, as experiências humanas.

O seu anverso direciona um posicionamento que vai do medo a elevado ódio pelo lugar, nesse caso o neologismo Topofobia diz respeito ao medo ou receio que

⁴ Apenas uma alusão sobre a forma que a geografia tradicional tratava das categorias voltada para a observação.



um indivíduo tem sobre algum lugar, nessa condução definida como ‘paisagem do medo’, pois, “a familiaridade poderá gerar afeição ou desprezo” (TUAN, 2012, p.144).

Referente ao termo Topoapatia⁵ refiro-me ao sentimento gerado pelo ódio que o indivíduo pode criar pelo lugar, não é apenas uma topofobia, uma aversão ao ambiente, mas um sentimento que se funde medo e ódio, indo além do desprezar, esse *odium*, como diferentes sentimentos, são criados e recriados por diferentes motivos. Não são apenas os aspectos positivos da relação que o indivíduo tem com o lugar que deve ser pauta de estudo, mas as antíteses dando *corpus*, as premissas fenomenológicas, capazes de dar consistência científica as percepções descritivas.

DAS TERRAS INCÓGNITAS PARA TERRAS CÓGNITAS: como surgem?

Sendo então o lugar um espaço mais que importante de ser observado e descrito pelo campo da Geografia Humanista com métodos que se amalgamam com as conveniências da fenomenologia, é bem verdade que não só sentimentos de amor são aparentes, como os sentimentos paradoxais. Considerando que o sujeito que está no ambiente é capaz de cenestesicamente ou de forma perceptível atribuir valores diferentes que levem ao ódio sobre os lugares. É nesse ponto que as Terras incógnitas deixam de simplesmente ser desconhecidas para se tornarem conhecidas, as terras cógnitas que surgem das experiências dos homens.

É importante se perceber como essas Terras são produzidas, ou conhecidas diferem de uma pessoa para outra, consideradas então, percepções particulares do mundo, é o que aponta Lowenthal (1982) ao nomear de “desconhecido temível”, tal desconhecido dessa complexidade do mundo nos coloca em meio a investigações que outrora procurava entender esse mundo de forma uni, pois, o formato da investigação científica proponha tal caminho, a análise, a comprovação, que aos poucos vai de destituindo, diluindo-se frente a um posicionamento que requer apenas a descrição desse mundo, e não a explicação total do mesmo.

Assim, ao levantar o posicionamento abalizado em Marandola Jr. (2013) citando Massey (2008); Relph (2012), referindo-se a esse esforço de entender as novas geografias nesse mundo de movimento incerto, com exagerada fluidez,

⁵ Essa referência foi observado pelo autor deste artigo, logo, se existem neologismos que vão da topofílica, ao topocídio, sugiro então que ao observar o lugar vivido o sujeito pode sentir ódio por esse espaço configurando assim um *odium*.



telepercebido, e com outras tantas adjetivações, consegue-se uma reverberação no sentido de se questionar o sentido de lugar, bem como o processo que surge de subjetivação e de produção de identidades.

Para Lowenthal (1982, p.108) é importante observar: “na sociedade científica do mundo ocidental ninguém realmente capta, mas do que uma pequena fração da visão geral do mundo”. Muitas terras ainda estão nesse formato de incognitivismo, derivado da falta de percepções ou de geografias que levem o homem a fazer perceber esse mundo?

Devido essa situação entra em cena a Geografia Humanista para encaminhar novos entendimentos sobre o lugar, eclodido então nos Estados Unidos e Canadá nos anos 70, com antecedentes explícitos desde a década de 60, em uma busca de reaproximação entre a Geografia e outros campos das humanidades. Rompendo com as posturas de base kantiana e das quantificações apresentáveis predominantes nesta época (MARANDOLA JR, 2013).

Corroborando com a perspectiva de Tuan que cita:

[...] ela se entrosa com as humanidades e ciências sociais no sentido de que todas compartilham a esperança de prover uma visão precisa do mundo humano. [...]. A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN, 1982, p.143).

Vê-se desta forma que ao se tratar das questões das Terras Incógnitas para o desvelar do mundo conhecido, a Geografia Humanista está bem presente munida de métodos capazes de contribuir com os objetivos previstos pela novíssima Geografia, nesse caso a fenomenologia é o ponto central para retratar a experiência geográfica humana.

Posso considerar que as *terras cógnitas* pessoais que se formam são provocadas por outras tantas *terras incógnitas*, pois, nesses lugares ou mundos pessoais, os caracteres das fábulas e das ficções residem e acabam se movimentando, sendo alguns em seus próprios territórios, outros compartilhando países familiares com pessoas e lugares reais (LOWENTHAL, 1982).

Certamente que as congruências entre esses mundos podem através do método correto, nos levar ao conhecimento da geografia do mundo vivido, e das particularidades que cada sujeito tem com o seu mundo ou sua *terra incógnita*, se fazer perceber e conhecida é deveras nosso objetivo.



O MUNDO VIVIDO NA FENOMENOLOGIA DA EXPERIÊNCIA HUMANA: composições da vida e lugar, relações de amor e ódio do ambiente geográfico

Ao iniciar essa seção que abordará as aparições do mundo vivido do sujeito, bem como a contribuição da Fenomenologia da Percepção abalizada em Merleau-Ponty (2006), os sujeitos que apresentam as distinções entre os sentimentos gerados de amor ao lugar e de desprezo e ódio pela mesma categoria, tem a fundamentação das suas percepções subjetivas, produzidas a partir do encontro com a tecnologia e as produções perceptíveis do seu mundo vivido, amparado pela concepção dos traços fenomenológicos na construção do descrever o mundo, o lugar.

Definir a fenomenologia não é tão simples como aparenta ser. Devido uma variedade de descrições que refletem as diferenças consideradas fundamentais entre os próprios os próprios fenomenólogos e a fluidez dos limites com muitos outros campos (BUTTNER, 1982). Entretanto, com base em Merleau-Ponty:

A fenomenologia é o estudo das essenciais, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências, a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. [...], mas, é também um relato do espaço, do tempo, do mundo “vividos”. É a tentativa de uma descrição direta da nossa experiência tal como ela é e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou sociólogo dela possam fornecer. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.01-02)

Nessa esteira, ao confluir com Buttner (1982), a atitude fenomenológica, leva a uma demanda a um retorno à evidência, aos próprios fatos, assim percebendo como são produzidos, encaminhando a uma investigação dos atos da própria consciência. Para que possamos retornar a origem dos nossos conhecimentos, a origem do nosso modo de existir, devemos então levar a percepção como uma pré-reflexão como considera Merleau-Ponty (2006), devendo ser uma prioridade sobre aquilo que já está elaborado, seguindo um caminhar pela percepção.

A percepção é o nosso primeiro contato com as coisas, dentro de vários ângulos, para que depois possa se transformar em conhecimento sistematizado, o primeiro contato então surge desse primeiro contato primário, o nascimento do ser, a infância, antes mesmo de recebermos prontamente as contribuições intelectuais já existentes, sentimos o mundo, é o que de pronto retornamos a origem do mundo, retornando as percepções. Recuperar esses sentidos da percepção nos dá a condição de que esse conhecimento deve guiar como prioridade, ou mesmo de uma superioridade frente ao conhecimento já elaborado (SILVA, 2017).



Logo, se a percepção não é uma construção, e sim um modo de sentir o mundo, a relação com as coisas, com as outras pessoas, podem ocorrer de inúmeras formas, para este trabalho da experiência fenomenológica do sujeito em seu lugar, foi requisitado como recurso a utilização de celulares, como forma de se perceber esse universo até aqui discutido.

CONHECENDO UM POUCO A CIDADE DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR: retrato histórico

A cidade de São José de Ribamar é considerada o terceiro município mais populoso do Estado do Maranhão. Atualmente a sua população está estimada em cerca de 176.008 mil habitantes segundo censo do IBGE em 2016. Este município pertence à Região Metropolitana de São Luís, sendo um dos quatro municípios que integram a Ilha de São Luís. A sua situação locacional encontra-se no extremo leste da Ilha, de frente para a Baía de São José, com uma distância cerca de 32 quilômetros do centro da capital maranhense.

Primitivamente a cidade de São José de Ribamar era uma aldeia indígena. O atual território do município era área tradicional da etnia indígena dos potiguaras. Em relação ao topônimo do seu nome atual decorre da seguinte história: (um navio que vinha de Lisboa para São Luís desviou-se de sua rota e em plena Baía de São José, esteve ameaçado de naufrágio por grandes tempestades e vagalhões. Os tripulantes invocaram a proteção de São José, prometendo erguer-lhe uma capela na povoação ao longe avistada. Tal foi a contrição das súplicas, que imediatamente o mar acalmou-se. E todos chegaram à terra são e salvos. Para cumprir a promessa, trouxeram de Lisboa uma imagem de São José, entronizando-a na modesta igreja então erguida, de frente para o mar. Mas devotos residentes na antiga Anindiba dos indígenas, atual Paço do Lumiar, entenderam que a imagem deveria ser levada para a ermida daquela povoação. Sem que ninguém percebesse, realizaram seu intento. No dia seguinte, porém, viram que a imagem ali não mais se encontrava, pois voltara, misteriosamente, à capela de origem. Repetiram a transferência e colocaram pessoas a vigiar o santo, para que ele não voltasse a Ribamar⁶.

⁶ Essas informações foram extraídas e sofreram pequenas modificações para adequação ao artigo. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jos%C3%A9_de_Ribamar. Acessado em: 07 de maio de 2017.



A sua importância no contexto religioso é o que faz da cidade de São José de Ribamar um dos pontos turísticos mais visitados no estado do Maranhão. Na cidade de Ribamar encontra-se um dos santuários mais importantes do Norte-Nordeste. Diversos devotos se dirigem diariamente a essa cidade, para visitar principalmente dois importantes lugares.



Imagem 01. Vista do Mar da cidade SJR.
Fonte: Elaborada pelo autor, 2017.



Imagem 02. Padroeiro de SJR.
Fonte: Elaborada pelo autor, 2017.

Desta forma, a cidade de São José de Ribamar tem forte expressão no cenário nacional em relação a esse aspecto da religiosidade cultural, contudo, por se encontrar fisicamente banhada por águas salgadas e apresentar praias, também oferece aos seus visitantes e a comunidade lazer, como abaixo é representado por outras imagens, a imagem a direita que representa o cais e as suas praias, como a de Panaquatira, ótimos lugares para descontração.



Imagem 03. Vista do cais de SJR.
Fonte: <http://www.ma.gov.br>, 2017.



Imagem 04. Praia de Panaquatira em SJR.
Fonte: <http://www.ma.gov.br>, 2017.

As belas imagens retratam a beleza e a singular capacidade de polarizar no campo religioso o indivíduo, no contexto deste trabalho tais permanências visuais são



orientações para se descrever as diferenças aceitações dos diversos lugares, experienciados pelo sujeito, ao surgir dessas experiências fenomenológicas e geográficas, o ser defini então a sua percepção topofílica ou topoapática, se aproximando ou se distanciando.

OS SUJEITOS E A PESQUISA: suas composições iconográficas do lugar que levam ao mundo vivido

Por mais que as belezas naturais sejam capazes de nos levar ao estado de torpor, devido a incompreensão da nossa consciência, a sua aparência pode não significar nada para quem a vê também, suas transformações são capazes de levantar ecos da história, bem como levar o sujeito ao encantamento como a um afastamento desmedido.

Como o artigo tem a objetivação inicial de extirpar os preâmbulos da pesquisa cartesiana, não se afastou do caminhar científico, buscando na Fenomenologia a estrada para trilhar e alcançar o nível de descrição mais proximal desta linha filosófica, abalizada em Merleau-Ponty (2006) e Tuan (2012), os envolvidos diretamente são alunos do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de São José de Ribamar, que através de imagens retratam e se relacionam, com os dois flancos sentimentais oriundos da sua experiência geográfica com o lugar vivido. Os alunos tiveram como proposta levantar a partir dos lugares em que vivem e convivem os sentimentos de amor e de ódio, respectivamente representados pela Topofilia de Tuan (2012) da Topoapatia⁷. Os diferentes lugares apontados pelos alunos nos dão uma visão do que Tuan (2012) trata de forma a considerar que essas levam ao lugar vivido desses sujeitos, auxiliados pela tecnologia móvel, os sujeitos puderam ter suas percepções visivelmente conhecidas por outros sujeitos.

Foi então sugerido a todos os alunos que estiveram envolvidos com a produção, que trouxessem para a escola suas visões de mundo, do lugar em que gostavam, que tinham um sentimento favorável e daqueles em que não tinham muita agradabilidade. Destaco, que ao envolver 40 alunos nessa busca fenomenológica pelas suas percepções, todos foram importantes, haja vista, que foram 40 descrições de lugares

⁷ Outro neologismo que pode se derivar da Topofobia que Tuan (2013) discute.



bem distintas umas das outras, as Terras incógnitas se tornaram cógnitas para todos e para si. Assim, algumas imagens trazidas pelos alunos coadunam com a proposta.



Fotos 01 e 02. Praça do Bairro São Raimundo
Fonte: Aluno 01, 2017.

Para o aluno esse é um lugar de experiência de foro íntimo, que se revelou apenas em suas descrições verbais para os demais sujeitos da pesquisa e o pesquisador.

ICONOGRAFIAS QUE LEVAM AO MUNDO VIVIDO

As imagens transmitem em parte aquilo que está na experiência, contato ou memória do sujeito, pois, demarca em registro aquilo que mais próximo do imaginário a materialidade do fenômeno pode ser apresentado, logo, o texto escrito nos faz pensar e refletir sobre esse fenômeno sentido e vivido pelo sujeito individual que em relação com o outro em díade constrói a experiência. Desta forma para identificar em partes o fenômeno Lugar, o aluno 01 trouxe como informação sobre o lugar enquanto fenômeno que tem relação de amor, uma praça na cidade de SJR, onde segundo ele:

Gosto de passar a tarde aqui, este lugar eu me sinto bem, sem preocupação, já que passa todos os dias na escola, quando posso e principalmente nos finais de semana venho me encontrar com a galera. Esse dia é ótimo.
(ALUNO 01)

É um lugar muito tranquilo, a natureza está aqui e ela me faz pensar em muitas coisas boas. (ALUNO 01)

Em contraposição o mesmo aluno trouxe outras imagens que traduzem seu sentimento de repulsa, o que se pode chamar de topofobia ou topoapatia. Abaixo segue as imagens de uma área degradada que se manifesta para o aluno como algo que o mesmo ojeriza.



Fotos 03 e 04. Lugar que não se sente bem, frente da casa.
Fonte: Aluno 01, 2017.

O aluno aponta e descreve que o lugar que não tem um sentimento agradável está muito próximo com seu dia-a-dia, pois, existe um lixão á céu aberto na frente da sua residência. Comenta ainda que:

O lugar que eu odeio é esse professor. O lixão que fica bem em frente da minha casa. É um lugar, não é? Pois é, não suporto esse lugar, pois não posso nem jogar bola né! Nem andar descalço, cheio de bichos, de baratas. E ninguém faz nada. Lixo por toda parte. Quando chove aqui isso fica insuportável e é difícil até de passar por aqui. (ALUNO 03)

Outro aluno aponta e considera que a escola é o lugar que não tem sentimento de amor, surpreendentemente a aluna 02 relata que: “não gosto da escola, porque parece mais uma unidade penitenciária devido o padrão de segurança”.



Fotos 05. Fachada da escola pública, o sentimento do não gostar.
Fonte: Aluno 02, 2017.



Ao mesmo tempo em que a aluna 02 retrata que a escola se assemelha a uma unidade prisional o aluno 03 considera o inverso.



Fotos 06. Fachada da escola pública, o sentimento do gostar.
Fonte: Aluno 03, 2017.

O aluno 03 trouxe uma imagem que retrata, segundo ele o lugar que ele mais gosta, que é a escola, percebe-se então que os mesmos lugares são sentidos e percebidos de forma diferentes pelos sujeitos que frequentam o mesmo ambiente.

A escola para mim é melhor que estar na minha casa. Lá é muito chato. E aqui eu encontro com meus amigos, e procuro uma vida melhor. Por isso, para mim a escola está em primeiro lugar. (ALUNO 03)

Desta forma, Buttimer considera que:” A fenomenologia convida-nos a explorar algumas das condições e forças unificadoras na experiência humana no mundo” (BUTTIMER, 1982, p.172).

Corroborando com Tuan que afirma:

as imagens da toponímia são derivadas da realidade circundante. As pessoas atentam para aqueles aspectos do meio ambiente que lhes inspiram assombro ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto das finalidades de suas vidas. (TUAN, 2013, p. 170)

Embora pareça que as percepções são simples, para os seus produtores são suas percepções, individualizadas e sugeridas pela postura de ver o mundo, de sentir esse mundo. Para Merleau-Ponty (2006) não deve-se haver separação, o corpo é um ser visível, em meio e outros corpos, um ser visível vidente, além de ser visto, pode



se ver, sendo visível si mesmo. Nesse caso, a visibilidade que o ser adquiri com as suas experiências com o mundo vivido o faz recriar seus lugares preferidos ou não.



Fotos 07 e 08. Melhor lugar 'o quarto' e a 'varanda da casa'
Fonte: Alunos 04 e 05, 2017.

As imagens acima retratadas pelos alunos 04 e 05 referem-se aos ambientes de proteção e de convívio parental, no âmbito da perspectiva fenomenológica, a descrição levantada é de que os lugares que os alunos retratam do quarto e da varanda de residências diferentes, pessoas que frequentam diferentes e ações diárias que ocorrem nesses ambientes também de forma individuais, motivam a conhecer mais como os sujeitos se percebem nesses lugares, bem como os valores que atribuem a cada um.

A experiência que cada aluno teve ou tem com as suas casas e quartos, permitem que se estabeleça um lugar pessoal, afetivo e carregado de interpretações. Entretanto, como não é o caso de se interpretar, mas compreender esses tantos afetos ou desafetos, os alunos captaram em imagens suas realidades. Agora além de terem experiências nas memórias, o recurso utilizado para a captura deu condições de registrar fisicamente imagens sem movimento, mas que são dotadas de expressões.

As falas representam um pouco o que vem da experiência do sujeito:

Essa é a minha casa, é considerado um lugar que eu me sinto bem, diferente dos outros lugares que, para onde eu vou, como a minha escola, como a casa das minhas colegas. Eu sou muito caseira, onde eu, é difícil as vezes eu sair, ainda mais quando eu estou reunida com os meus primos, ou com meus colegas, mas gosto bastante de ficar me casa, aqui fazendo as minhas coisas, minhas coisas particulares, minhas coisas casuais. O quarto. É o lugar que passo meus momentos, é o lugar mais tranquilo, onde eu descanso, onde eu fico pensando meus pensamentos, é o quarto meu e do meu irmão. Então, essa é a minha casa, é o meu lugar, onde me sinto bem, diferente dos outros



lugares, é o lugar, onde eu consigo me abrir, mais ativa, mais expressiva.
(ALUNA 40, 2017)

Nesse ponto a aluna faz um levantamento do que representa a casa e o quarto para ela. Ao se sentir melhor que em outros lugares, compreendendo claramente a aproximação topofílica que se relaciona com a bem vivência de sua própria experiência, o aspecto topoapático, pois se manifesta em lugares como a escola e as casas das colegas, conforme aponta a aluna 40. O que gera tais situações de amor ou de apatia? São essas construções compreensivas que as vezes são difíceis dos alunos manifestarem, ficando sempre apoiados no beiral das suas experiências pessoais. Mergulhar mais para o fundo parece ser perigosa. Parece desmascarar e desdobrar os bilhetes do ser e sua ontologia. Basta-nos então seguir nesse beiral para ir tentando conecta as redes de experiências e percepções topofílicas, topofóbicas e topoapáticas.

Extremamente compreensivo a relação que se tem com a casa. A exemplo dessa afirmação, Palasma (2017, p. 07) considera: “A casa é um cenário concreto, íntimo e único da vida de cada um”. Essa questão basilar tem muita característica com a condição ontológica de habitar, logo, “o ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo” (PALASMA, 2018, p. 07). E essa condição é algo muito particular capaz de se acomodar na consciência e na experiência do sujeito.

Em um outro trecho das falas dos alunos sobre a casa e s ambientes que lhe permitem se envolver mais ainda com o mundo, são evidenciados outros pontos importantes:

Porque é a parte da minha casa que eu mais gosto, meu quarto. Porque meu quarto é onde eu durmo, descanso e estudo. Minha rua é o lugar que eu não gosto, porque devido aos buracos e barulhos nos fins de semana me incomodam bastante. (ALUNA, 17, 2017)

Eu escolhi a frente da minha casa porque eu não gosto e eu escolhi o meu quarto. Porque o meu quarto e meu lugar favorito. (ALUNA 30, 2017)

Em relação aos aspectos da linguagem escrita, que repassam pela linha do pensamento subjetivo ne experiencial de cada sujeito, a forma adumbrativa, ou apresentações adumbrativas dos fenômenos apresentados pelos alunos, não são tão fáceis de serem denunciados explicitamente. Cabe ao contexto referente que:

A fenomenologia revela a natureza sistemática dos objetos no nível da aparência ou experiência: objetos são constituídos como sistemas de apresentações adumbrativas. As adombrações formam um sistema no sentido de que elas não são arranjadas por acaso. (CERBONE, 2014, p. 53)



São a partir dessas adombrações que são desveladas as essências que busca a fenomenologia. Sobre essências Palasma, diz assim sobre as essências do mundo vivenciado:

Não vivemos em um mundo objetivo de matéria e fatos, como o realismo ingênuo e banal tende a supor. O modo de existência caracteristicamente humano ocorre nos mundos das possibilidades, moldado pela capacidade humana de lembrança, fantasia e imaginação. Vivemos em mundos mentais, nos quais o material e o espiritual, bem como o vivenciado, lembrado e imaginado constantemente se fundem. Como consequência, a realidade vivida não segue as regras do espaço e tempo definidos e medidos pela ciência da física. Quero dizer que o mundo vivenciado é, em essência, "acientífico", se for medido pelos critérios da ciência empírica ocidental. Na verdade, o mundo vivenciado está mais próximo da realidade dos sonhos do que de qualquer descrição científica. A fim de distinguir o espaço vivenciado do espaço físico e geométrico, podemos chamá-lo de espaço existencial. O espaço existencial e vivenciado estrutura-se na base dos significados, intenções e valores refletidos sobre ele por um indivíduo, seja de modo consciente, seja inconsciente; assim o espaço existencial possui uma característica única interpretada por meio da memória e da experiência do sujeito. Cada experiência vi vida se dá na interface da lembrança e da intenção, percepção e fantasia, memória e desejo. (PALASMA, 2018, p. 23)

Percebe-se que as essências transmitidas pelos alunos, são consideradas pela pequena exposição da apresentação adumbrativa de como eles conseguem no ensino médio, deslocar para uma anteposição do conceito de lugar, ou de tantas outras categorias geográficas, o que se torna válido, cultivar esses exercícios de anteposição sistemática religiosamente conceitual e validada por meio de categorizações até mesmo coloniais. Rompe-se com a forma de pensar sobre o próprio fenômeno.

CONSIDERANDO OS PONTOS

A observação sobre a experiência feita por Tuan (2013) e a questão levantada por Merleau-Ponty (2006) que discorre sobre a Fenomenologia da percepção quando trata sobre a percepção experiencial do sujeito da forma que essa começa e termina consigo e que por sua vez não consegue se distanciar dessa na composição que forma a sua vida, como as suas memórias, que se manifesta por uma sensibilidade notada ao longo da vida.

Tentar compor uma melodia, não é nada fácil quando se trata de música, compor um enredo textual que consiga entrelaçar as três vertentes de interesse dessa pesquisa também não se configurou fácil, ao expor sobre como os alunos se posicionaram nos questionários e entrevistas, bem como os professores nos mesmos tipos de instrumentos de coleta de dados, buscando tratar de uma forma subjetiva dos



alunos em trazer o conceito sobre o lugar a partir das suas percepções em uma atitude fenomenológica. A criação de conceitos elaborados pelos alunos em relação a todas as atividades e intervenções realizadas são a base dessa pesquisa.

Em todo o contexto que se deu para descrever as percepções dos envolvidos, foram retratados as falas dos professores com a dos alunos, contudo um outro grupo de sujeitos também faz parte dessa movimentação fenomenológica, onde a comunidade do bairro, pessoas consideradas como mais experientes e com algum conhecimento sobre o seu lugar nos dão as condições necessárias para tratar de mais uma subcategoria que envolve o lugar: o bairro e as relações pessoais que alguns participantes que colaboraram com esta investigação possuem.

Assim, lugares se produzem a partir de sentimentos, de ações, experiências e de memórias. Cerbone (2014) trata sobre a questão da experiência:

[...], sua experiência presente não é de ou sobre um mero objeto, algo cuja única descrição é a de que ele ocupa espaço ou consegue ocupar esse tanto de seu campo da visão; em vez disso, ele é uma coisa incumbida de uma determinada significância, muito particular [...]". (CERBONE, 2014, p. 17)

Desta forma, as experiências contam sobre descrever a vivência e os aspectos dessa com as pessoas do bairro, que em diferentes níveis de relacionamento ocorrem entre os moradores, os vizinhos, aqueles que chegam e aqueles que se vão, são averiguadas a partir da observação dos alunos e comunidade do seu lugar, do seu bairro. Diferentes bairros foram escolhidos pelos alunos, na realidade não se trata de uma escolha, logo, os alunos participantes da pesquisa residem nesses lugares e conhecem um da sua realidade na cidade de São José de Ribamar.

O que temos feito com e da Fenomenologia na Geografia? Considerando o fato de que há um importante movimento necessário de desvelamento de matrizes que se sustentaram ao longo de muitos séculos com as suas formas de ver, agir e de pensar, podemos então considerar que a fenomenologia desde a década de 70 e no Brasil a partir da década de 80-90 vem tentando nos ajudar de alguma maneira a fazer geografia para chegar às geograficidades dos sujeitos. Tarefa árdua. Longo e difícil caminho.

Neste trabalho que foi apresentado apenas um recorte sintético de uma longa pesquisa. Foi possível andar lado a lado com a Fenomenologia, com autores importantes para o levantamento compreensivo ou a tentativa de compreender os elementos que vieram até nós. Em algum momento falei no *corpus* deste artigo que uma prática, exercício são importantes no contexto da escolarização dos alunos, para



criarem talvez um hábito de realizar adombrações ou o próprio desvelamento das experiências. Tais apresentações adumbrativas, não são tão fáceis de serem apresentadas, pois são antecedentes ao que conhecemos, e o antecessor por mais que pareça fácil de se explicitar, não é.

Destaco ainda que tratar de experiências pessoais, requer compreender os fenômenos como são configurados, constituídos por seus produtores, e isso faz com que a própria base da conceituação venha ruir, dando ênfase na perspectiva ontológica quando se apresenta o homem nessa constituição e fenomenológica quando se destaca fenômenos em amplitude.

A tentativa de sair do *status quo* permeado pela didática do fazer geográfico, dos livros didáticos e proporcionar que as relações afetivas, topológicas, topofilicas, topofóbicas e topoapáticas sejam importantes manifestações de se estender o conhecimento de uma Geografia Fenomenológica para os alunos que são consumidores de conteúdos é extremamente importante e eficaz, sobretudo, pela razão de deixar que os mesmos sintam-se importantes no processo da sua própria investigação de mundo vivido, de mundo vivenciado, de mundo experienciado, de mundo percebido, de mundo circundante, de mundo próprio. Do seu próprio mundo, do seu próprio lugar e das suas próprias compreensões.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Capes pelo auxílio de uma bolsa que tem contribuído para que esse momento de pesquisa na Pós-Graduação/UFES se efetive com a produção de artigos e de pesquisas que sejam importantes para a construção de uma Geografia Fenomenológica em nosso país.

REFERÊNCIAS

- BUTTIMER, Anne. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. IN: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, pág. 165-193.
- CERBONE. David Ralph. **Fenomenologia**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço um conceito-chave da Geografia. IN: CORRÊA, Roberto Lobato(org). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, pág. 15-47.

DARDEL, Eric. *L'homme et la terre: Nature de la réalité Géographique*. Presses Universitaires de France (PUF), Paris, 1952.

_____. **O HOMEM E A TERRA: natureza da realidade geográfica**, Perspectiva, São Paulo, 2011.

DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia?** Moraes, São Paulo, 1992.

HOLZER, Werther. **A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel o homem e a terra: natureza da realidade geográfica**, Perspectiva, São Paulo, 2011.

_____. **A Geografia Humanista: uma revisão**. In: HOLZER, Werther. Espaço e Cultura, Uerj, Rj, Edição Comemorativa, 1993-2008, pág. 137-147.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. IN:CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, pág. 165-193.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Fenomenologia e Pós-Fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea**. In: MARANDOLA JR, Eduardo. Geograficidade: v. 3, nº 02, 2013.

_____. **Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento**. IN: MARANDOLA JR, Eduardo. Geosul, Florianópolis, v. 25, n. 49, p7-26, jan./jun. 2010.

_____. **O Pensamento Fenomenológico Na Educação Geográfica: caminhos para uma aproximação entre cultura e ciência**. IN: MARANDOLA JR, Eduardo. Caderno de Geografia, v.26, nº47, 2016.

PALLASMA, Juhani. **Habitar**. Juhani Pallasma; tradução de Alexandre Salvaterra. — São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

_____. **Essências**. Juhani Palasma; tradução de Alexandre Salvaterra. —São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

RELPH, Edward C. **As bases fenomenológicas da geografia**. Geografia, v. 4, nº 7, pp. 1-25, Rio Claro, 1979,

SILVA, Franklin Leopoldo E. **MERLEAU-PONTY: filosofia e percepção**. Palestra canal youtube casa do saber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eZs-4fLUJ9c>. Acessado em: 04 de maio de 2017.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

XIV ENANPEGE
ESPAÇO DIGITAL

TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística**. IN:CHRISTOFOLETTI, Antônio.
Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982, pág.143-164.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio
ambiente. Londrina: Eduel, 2012.